

## TRABALHOS DE PESQUISAS

---

# ESTUDO SOBRE AS PRÁTICAS SEXUAIS PARA ALÉM DA DOR NA VISÃO DE PRATICANTES DE BDSM

*Adriana Ribeiro de Oliveira Santos<sup>1</sup>*

STUDY ON SEXUAL PRACTICES BEYOND THE PAIN IN THE VIEW OF PRACTITIONERS OF BDSM

---

**Resumo:** Este estudo resultou em trabalho de conclusão de curso orientado pela psicóloga Ms. Vera Lúcia Vaccari. O acrônimo BDSM é formado por: Bondage, Disciplina, Dominação, Submissão, Sadismo e Masoquismo. São muitos os olhares sobre esse universo, advindos da psicologia e da psiquiatria, que, com maior ou menor ênfase, em geral consideram as práticas sob a perspectiva da patologização. Objetivos: Levantar as concepções relacionadas a prazer e dor em praticantes de sadomasoquismo. Materiais e métodos: A pesquisa adotou uma perspectiva qualitativa, tendo como base uma revisão bibliográfica e um trabalho de campo que contou com a coleta de depoimentos de praticantes de sadomasoquismo, levantando as particularidades dos entrevistados considerando as opiniões, crenças e significantes nas palavras dos participantes da pesquisa por meio de análise de conteúdo. Discussão: Os resultados apontam para uma diferença entre a visão psicológica e psiquiátrica e a dos praticantes, que não encaram o SM por uma perspectiva patologizante, mas sim como uma subcultura. Considerações finais: A psicologia, ao atuar com as diversidades, tem o papel de escutar o sujeito, com base no argumento de que há relação saudável dos praticantes com seus desejos com ênfase na exploração dos diversos modos de expressão sexual. **Palavras-chave:** comportamento sexual; psicologia; diversidade sexual

**Abstract:** This study resulted in job completion course guided by psychologist Ms. Vera Lucia Vaccari. The acronym BDSM consists of: Bondage, Discipline, Domination, Submission, Sadism and Masochism. There are many views on this universe, arising from psychology and psychiatry, which, with greater or lesser emphasis, often consider the practice a pathological perspective. OBJECTIVES: Raise the concepts related to pleasure and pain in practitioners of sadomasochism. MATERIALS AND METHODS: The research adopted a qualitative approach, based on a literature review and a field of work which included the collection of testimonials BDSM practitioners, raising the particularities of respondents considering the opinions, beliefs and significant in the words of survey participants by content analysis. DISCUSSION: The results point to a difference between the psychological and psychiatric vision and practitioners, who do not see the MS in a pathologizing perspective, but as a subculture. CONCLUSIONS: The psychology, the work with diversity, has the role of listening to the subject, on the grounds that there is healthy relationship of practitioners to your wishes with emphasis on exploring the various modes of sexual expression. project shows the positive impact of university involvement in the sex education of adolescents in the community, by providing also the academics, the experience of this work as part of university educations.

**Keywords:** sexual behavior; psychology; sexual diversity

---

1. Psicóloga clínica, formada pelo Centro Universitário São Camilo. E-mail: [adrianarospsi@gmail.com](mailto:adrianarospsi@gmail.com)

## Introdução

Este artigo refere-se a uma pesquisa que deu origem a um trabalho de conclusão de curso orientado pela psicóloga Ms. Vera Lucia Vaccari e apresentado ao Centro Universitário São Camilo, em São Paulo.

O acrônimo *BDSM* é abreviação de *Bondage*<sup>2</sup>, Disciplina (dominação, submissão) Sadismo e Masoquismo, um grupo de padrões de comportamentos sexuais humanos.

Para Mota (2011), quando se fala em sadomasoquismo, o SM da sigla *BDSM*, é quase inevitável que se ouçam referências depreciativas e de rejeição. Essas ideias e atitudes, embora estereotipadas e preconceituosas, encontram fundamentação nas abordagens científicas ao fenômeno que se foram desenvolvendo desde o século XIX.

Embora a prática seja alvo de preconceito, o tema já começou a ser amplamente discutido, atingindo os meios de comunicação e espaços sociais. Cinema, teatro, novelas, revistas, passaram a tratar o assunto com mais frequência, a partir do lançamento da trilogia *Cinquenta tons de cinza*, da britânica Erika Leonard James, publicado em 2011, que se tornou um fenômeno editorial. Segundo reportagem publicada por Ackermann (2013), em pouco mais de seis meses desde seu lançamento no Brasil foram vendidos cerca de mais de 3,5 milhões de exemplares. No mundo, o número está na casa dos 70 milhões – mais gente, por exemplo, do que toda a população da Grã-Bretanha, segundo a revista.

De acordo com a mesma reportagem publicada por Zilberkan (2012) após esse lançamento, houve um aumento na procura por *sex shops*<sup>3</sup>, o que fez com que o mercado erótico tivesse 200% de crescimento na Grã-Bretanha,

também esperado no Brasil.

A publicação enfatiza que uma revendedora de produtos eróticos viu aumentar o interesse de casais por itens relacionados à prática do *BDSM*. Esse interesse parece apontar para uma aceitação social sobre essas práticas.

O SM, conforme Rodrigues Júnior (2012, p. 87)

Tem se tornado tão popular que lojas especializadas surgem em quase todas as grandes cidades ao redor do mundo, inclusive em São Paulo. Sex shops com sessões especializadas trazem roupas de couro preto com características sensuais e eróticas, correntes, máscaras, algemas especiais, “arreio do diabo”, mordanças e outras peças de metal e borracha para conter, amarrar e produzir dor, além dos costumeiros chicotes e chibatadas e aparelhos que lembram peças de museu de escravos.

Poucos estudos sobre o tema são encontrados no Brasil, no contexto das mudanças no comportamento sexual, evidenciadas pelas reportagens acima citadas, daí a importância desta pesquisa.

A pergunta norteadora da pesquisa foi: são encontradas na literatura visões de profissionais da psicologia e da psiquiatria, mas não de praticantes de *BDSM*. Como essas pessoas entendem sua prática?

## MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa adotou uma perspectiva qualitativa, tendo como base uma revisão bibliográfica e um trabalho de campo que contou com a coleta de depoimentos de praticantes de sadomasoquismo.

2. Bondage: É um tipo específico de fetiche, geralmente relacionado com o sadomasoquismo, onde a principal fonte de prazer consiste em amarrar e imobilizar seu parceiro ou pessoa envolvida ou ser amarrado e imobilizado por ele.

3. Sex shop: Loja destinada à venda de produtos eróticos.

### Revisão bibliográfica

Segundo Gil (2010), a revisão bibliográfica utiliza-se fundamentalmente das contribuições de diversos autores sobre determinado assunto e é elaborada com base em material já publicado. Esta modalidade de pesquisa inclui material impresso, como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos, além de outros tipos de fontes, como discos, fitas magnéticas, CDs, bem como o material disponibilizado na internet.

A revisão bibliográfica foi realizada em livros e artigos científicos nacionais e bases de dados como Scielo (Scientific Electronic Library Online), com a busca de descritores como: perversão, transtornos de sexualidade, parafilia, sadismo e masoquismo, buscando-se textos publicados desde 1990 até a atualidade.

### Forma de estudo

O estudo foi de natureza qualitativa, levantando as particularidades dos entrevistados considerando as opiniões, crenças e significantes nas palavras dos participantes da pesquisa (VIEIRA, 2009). Este tipo de pesquisa foi uma ferramenta que auxiliou na exploração do grupo selecionado para o estudo, (VIEIRA, 2009) pois pretendeu-se explorar como os praticantes de SM compreendem a subcultura na qual estão inseridos, por meio da análise de conteúdo.

### Pesquisa de campo

A pesquisa de campo contemplou entrevistas com praticantes de sadomasoquismo na cidade de São Paulo e Rio de Janeiro, que eventualmente reúnem-se informalmente em clubes privados destinados a performances eróticas e fetichistas. O contato inicial com os participantes da pesquisa foi feito pela internet, por meio de rede social.

Foram marcados encontros individuais com os interessados para explicação do objetivo do trabalho, e realização da assinatura do Termo de

Consentimento Livre e Esclarecido em duas vias, sendo que uma via ficou em poder do entrevistado e outra via com a pesquisadora.

### Questionário

Foram elaboradas as seguintes perguntas norteadoras:

1. Dentro do BDSM, em quais práticas está envolvido (a)?
2. Como e quando passou a se interessar por atividades sexuais consideradas “diferentes”?
3. Como se sente em relação a ter prazer com práticas consideradas não convencionais?
4. De que tipo de prática SM você é adepto (a)?
5. Quais as dificuldades encontradas em seu dia-a-dia por ser adepto ao BDSM?

### Os participantes

Foram realizadas no total três entrevistas, sendo duas com participantes do sexo feminino e uma com participante do sexo masculino.

Os entrevistados têm idade compreendida entre 33 e 44 anos. As duas participantes moram na cidade do Rio de Janeiro e ele, em São Paulo. Uma delas e ele apresentam formação universitária.

Quanto ao estado civil, os três são divorciados. Em relação à orientação sexual, dois participantes afirmam ser heterossexuais e uma participante descreveu-se como bissexual. O homem é professor universitário, uma participante é empresária e a outra, autônoma. Dois dos participantes têm filhos.

### Procedimento da entrevista

Avaliou-se que o processo de esclarecimento da pesquisa para os entrevistados foi parte primordial para condução do trabalho, pois, segundo Gil (1999), as pessoas não são motivadas diretamente a fornecer dados para pesquisas e neste momento é interessante realizar um contrato com objetivos e delimitar os papéis de todos envolvidos, para que se conquiste uma maior

transparência nos conteúdos expostos.

### **Anonimato**

Os nomes dos participantes não foram revelados, apenas foi autorizada a divulgação de seus pseudônimos no meio BDSM, com finalidade de preservar a identidade dos indivíduos. O sigilo foi fundamental no desenvolvimento desta pesquisa.

### **Temas e análise**

As entrevistas foram transcritas e buscados os temas que se repetiam e os temas únicos a cada fala.

### **Referencial teórico**

#### **Sadomasoquismo: de perversão a nova forma de viver a sexualidade – o cruzamento de diferentes visões**

Diferentes olhares voltam-se para o universo BDSM e, portanto, para as práticas sadomasoquistas, desde os que caracterizam tais comportamentos como transtornos mentais, perversão sexual ou crime, corroborando os discursos da psiquiatria, até os que os consideram uma vertente da construção social, uma maneira de fazer parte de uma subcultura, possuir um sentimento de pertença, compartilhando gostos e preferências peculiares, passando pelos que buscam formas de viver experiências novas. Há também os que consideram que pertencer à subcultura BDSM, e ser respeitado pela escolha e por essa condição de ser e estar, nada mais é do que uma forma de amor. Tais práticas BDSM seriam mais uma forma de obter prazer, ao lado de tantas outras.

Os desdobramentos da perversão culminaram na adoção de referência para o diagnóstico e tratamento de comportamentos e atitudes nomeados como desviantes, não mais chamados de perversos, mas sim de parafilicos (PINTO, 2008).

Conforme Muribeca (2009), em 1987,

o termo perversão desaparece da terminologia psiquiátrica mundial, substituído pelo termo parafilia, para se evitar a conotação moral.

Parafilia vem da língua grega e significa “lado a lado” e “amor”; ou seja, uma forma de amor paralela às chamadas comuns. Mesmo assim, nas últimas décadas o termo passou a ser usado com o mesmo sentido moral de perversão ou desvio sexual. Pouco tem sido feito para distinguir as questões psicopatológicas das expressões sexuais comportamentais (RODRIGUES JÚNIOR, 2012).

Na American Psychiatric Association, (DSM IV, Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 2003), o termo parafilia (gosto pelo acessório) caracteriza-se por anseios, fantasias ou comportamentos sexuais recorrentes e intensos que envolvem objetos, atividades ou situações incomuns e causam sofrimento ou prejuízo na vida do indivíduo. Certas fantasias e comportamentos associados com parafilias podem ter início na infância ou nos primeiros anos da adolescência, mas tornam-se mais definidos e elaborados durante a adolescência e início da idade adulta.

Zilli (2009) considera que o DSM IV é o reconhecimento da comunidade terapêutica de que o SM pode ser praticado de uma maneira psicologicamente saudável.

De acordo com ele, quando o BDSM dialoga com a psiquiatria sobressai o argumento da relação saudável que os praticantes têm com seus desejos. Com a utilização do critério de bem-estar, o praticante de BDSM pode se distanciar das definições de transtorno sexual, pois ele não estaria sob estresse psíquico (excluindo o sofrimento causado pelo preconceito) e ainda manteria sua capacidade para o convívio social.

Ceccarelli (1999) acrescenta que, após Freud, diversos autores propuseram importantes ideias para se compreender a constituição do sujeito e sua sexualidade. De modo geral, os psicanalistas pós-freudianos seguem a perspectiva freudiana tanto em relação à perversão quanto à norma.

Segundo Rodrigues Júnior (2012), desde a

última década do século XX, grupos de ativistas BDSM tentam influenciar as discussões técnicas da psiquiatria e da psicologia para uma clara despatologização do sadomasoquismo.

Rubin (1984, apud. Freitas, 2011) utiliza a expressão sexualidades dissidentes para tratar das sexualidades que estavam à margem (fora do “círculo mágico”, fora do que é considerado legítimo, legal e aceitável): sexualidades não reprodutivas, homossexuais, fora do casamento, em lugares públicos, intergeracionais, pornográficas, sadomasoquistas.

De acordo com Barbosa e Parker (1999), talvez os direitos sexuais tenham sido introduzidos progressivamente, acabando por se infiltrar no dicionário dos direitos humanos tanto para que fossem reconhecidas as diversas orientações sexuais e sua legítima necessidade de expressão, quanto para ser uma espécie de código que, como os direitos reprodutivos, puderam assumir significados diversos para diferentes pessoas, dependendo da posição de poder que ocupam, da orientação sexual, do gênero, da nacionalidade, e assim por diante.

## Resultados

Foram encontrados os seguintes temas que se repetiram nas entrevistas:

- **A inserção no meio BDSM**

A entrada no meio BDSM não ocorreu de forma muito diferente entre os entrevistados. Há pessoas que iniciaram por influência do parceiro com quem mantinham um relacionamento íntimo, outras iniciaram por intermédio de estudos e pesquisas.

Mas todos os praticantes foram unânimes em afirmar que sua inserção no meio ocorreu,

sobretudo, por meio de pesquisas, de maneira autodidata.

Com 28 anos conheci uma menina que me apresentou esse mundo. Então comecei a pesquisar, fui autodidata. Na época entrava em salas de bate-papo do Uol, conversava bastante com as pessoas envolvidas. Busquei muito a parte teórica e cerca de uns seis meses depois comecei a praticar. Ela me fez despertar esse desejo, não era praticante, mas conhecia esse meio. (Dom G. V, o dominador).

A partir da minha relação com um ex-parceiro, que era podólatra<sup>4</sup>. Fui convidada para uma festa fetichista e então passei a pesquisar e fui evoluindo. (L. D., a dominadora).

C. teve seu início com a ajuda de uma experiente Dominadora, que forneceu muitos materiais de pesquisa para seu conhecimento e crescimento pessoal.

De maneira geral, os entrevistados foram buscar informações por conta própria a partir de suas primeiras experiências e fizeram uso de meios como a internet, acessando redes sociais e salas de bate-papo.

Nessa descoberta, houve necessidade de se aperfeiçoar, estudar técnicas e dialogar, antes de se aventurar pela parte prática do universo BDSM. Todavia, essa descoberta teve como denominador comum o uso da internet, mesmo quando esta ainda não era tão acessível.

Na época, esse mundo era impenetrável. Fui pesquisar por conta própria em revistas, fóruns de revistas, lia histórias publicadas; a internet era do tempo jurássico, e normalmente em outro idioma. (C., a switcher.<sup>5</sup>)

4. Podólatra: pessoa que pratica adoração dos pés. É o fetiche que tem os pés como centro dos desejos. Ações comuns excitam e levam a ter prazer sexual e até orgasmos pelo simples fato de manipular, tocar, lambear, cheirar, beijar, massagear pés ou ser pisado e ter os órgãos genitais manipulados por pés.

5. Switcher: Pessoa que obtém prazer fazendo uso dos dois papéis: dominadora (o) e submissa (o).

Para MARTINS e CECCARELLI (2003 apud MOTA, 2011) esse meio de comunicação para os adeptos de práticas sexuais minoritárias contribui largamente para a formação de uma subcultura virtual de minorias sexuais.

Os autores sustentam, ainda, que a internet oferece a oportunidade para a formação de comunidades virtuais nas quais os indivíduos isolados e discriminados podem comunicar-se entre si sobre assuntos sexuais que sejam de interesse dessa comunidade.

#### • O cenário, as práticas e as sessões

De acordo com Mota (2011), as sessões<sup>6</sup> no BDSM são uma fração da realidade delineada no tempo e no espaço onde as práticas vivem da teatralidade e fantasias dos que as praticam.

Em relação ao cenário, Dom G. V. referiu que gosta de realizar suas práticas ao ar livre e sente prazer quando é surpreendido em público por sua submissa.

Lembro também que, num jantar, a menina preparou tudo e me surpreendeu, ficou embaixo da mesa todo o tempo, isso foi muito prazeroso. (Dom G. V.)

Normalmente o cenário que envolve as práticas vai de acordo com o que mais estimula os adeptos.

Em relação às práticas mais utilizadas

foram citadas pelos três entrevistados: dominação psicológica, bondage (amarracão e imobilização), *spanking*<sup>7</sup>, utilização de velas e asfixia. Foi altamente valorizada nos discursos dos adeptos a fantasia de dominação, sendo que o domínio psicológico é visto como mais relevante do que o físico.

Os participantes também manifestaram restrição em relação a algumas práticas, como chuva marrom (*scat*)<sup>8</sup>, sangue, uso de agulhas, infantilismo<sup>9</sup>, bem como ao uso de acessórios, como vibradores.

No caso das Dominadoras, C. também demonstrou gostar de cuidar de “*sissys*”<sup>10</sup> e L. D. citou técnicas específicas que realiza em suas sessões, como *trampling*<sup>11</sup>, *ballbusting*<sup>12</sup>, *poneyplay*<sup>13</sup>, *dogplay*<sup>14</sup>, torturas e participação em fetiches como podolatria, em que sente prazer na idolatria de seus pés.

Foram abordados também pelos participantes temas sobre as técnicas de dominação e seu “peso”, em que referiram ter a preocupação em oferecer cuidado, e estar atento aos limites do parceiro(a). Sobre limites, os praticantes entrevistados consideraram fora dos horizontes de suas possibilidades, práticas menos usuais, ou atividades que são rejeitadas por colocarem em risco a privacidade ou não estarem de acordo com o gosto pessoal de cada adepto, embora possam ser realizadas em algumas situações, conforme pode ser visto nas falas abaixo. De um lado, C.

6. Sessão: Tempo de duração de uma prática BDSM.

7. Spanking: dar palmadas ou socos, com as mãos ou objetos.

8. Chuva marrom/ scat: prática de “scat”, prazer obtido com as fezes, podendo ser próprias ou do parceiro (a).

9. Infantilismo: Desejo ou excitação do indivíduo em ser tratado como criança ou bebê, usando fraldas e outros acessórios infantis.

10. Sissy: homem que se caracteriza de mulher, obtendo prazer em fazer serviços domésticos. Segundo depoimentos das duas entrevistadas, grande parte deles é de homens casados na vida real, que apenas têm fantasia de se travestir de mulher.

11. Trampling: prática ligada à podolatria, que consiste em pisar o escravo(a), descalço ou com sapatos, podendo chegar até mesmo a caminhar sobre ele(a).

12. Ballbusting: consiste em a mulher chutar, pisar e apertar a genitália do homem por diversão.

13. Poneyplay: É a disciplina de treinamento para submissos agirem e se comportarem como pôneis ou cavalos/éguas.

14. Dogplay: Consiste na obrigação de fazer o parceiro comportar-se como um cão, usando ornamentos como coleira, focinheira e tigela para fazer as refeições no chão e beber água.

afirma que:

Não gosto de chuva marrom, mas não significa que não viria a fazer. Não é meu interesse como sub. Mas, exercendo o papel de dominadora, precisaria ser bastante negociado. Teria que realmente valer o desejo, num momento em que eu tivesse abençoada; meu relógio biológico não funciona com hora marcada. Precisa haver uma confiança extrema. (C., a switcher).

Sobre esse mesmo tipo de técnica, a opinião de L. D. foi diferente: “Mesmo as práticas scat, muitas pessoas realizam, mesmo que não a assumam”.

Ainda no que concerne às práticas, C. e Dom G. V. foram concordantes sobre a sutileza de se preparar uma sessão, quanto aos detalhes, ao zelo e acessórios, ou ainda o uso de rosas que fazem com que haja um diferencial, uma espécie de ritual para a sessão.

- **A negociação, a safeword<sup>15</sup> e os limites**

É importante ressaltar que os entrevistados destacaram a necessidade de negociação antes da realização das práticas, que devem seguir os conceitos de SSC: são, seguro e consensual. Neste aspecto, os entrevistados apresentaram muita responsabilidade com seus desejos e os do parceiro(a). Em geral, os participantes relataram gostar de explorar o corpo do parceiro e gradativamente intensificar suas práticas. Embora o uso da safeword possa acontecer, consideram necessário que a pessoa que está no controle evite que se chegue até essa palavra.

Essa tríade é fortemente promovida e praticada entre os adeptos de BDSM, o que parece apontar para a consciência que os praticantes possuem sobre seus comportamentos estarem associados a riscos.

Conforme Mota (2011), esta entrega, no

que diz respeito ao ato da confiança, materializa-se no respeito ao dominador/a, na honestidade, na humildade, no gostar do que faz e em satisfazer o prazer da pessoa a quem se entrega.

A autora ainda assinala que, em relação aos dominadores/as, a característica mais realçada, tanto por submissos/as quanto pelos próprios dominadores/as, é a responsabilidade, porque têm a segurança, o bem-estar e a vida da outra pessoa em suas mãos. Também são responsáveis pelos procedimentos e pela pessoa que é o/a submisso/a e pelos seus limites, pela safeword. (MOTA, 2011).

Quando interrogados sobre a utilização da palavra de segurança, os entrevistados demonstram preocupação em perceber os limites do parceiro:

Sou eu que determino antes os limites. Sou muito criteriosa. Eu preciso obter o máximo de informações. O meu limite é parar antes que ela chegue no limite dela. O corpo fala, e minha profissão ajuda a estar atenta aos sinais de que a submissa está no seu limite. (C., a switcher.)

Naquele momento em que ela pediu para eu parar de bater, eu entendi o medo dela. Também me proporcionou prazer porque ela sentiu medo e o medo também me atrai. Então eu parei a sessão e disse que não faríamos mais o spanking, e eu iria desenvolvê-la em outras práticas. Depois de alguns meses, nós fomos para uma sessão mais forte do que aquela, e ela passou, conseguiu. (Dom G. V., o dominador).

Pode-se observar, nesse relato, que existem um aprendizado e um nível esperado a ser alcançado, de maneira que o dominador é o responsável pelo adestramento da submissa, respeitando seus limites. De acordo com Rodrigues Jr. (2012, p. 95), um masoquista poderá, através de um check-list, apontar seus limites e interesses no jogo SM, o que pode ser uma maneira útil de

15. Safeword: palavra de segurança utilizada pelo submisso(a) para sinalizar o encerramento de uma prática.

manter no jogo os desejos, sem ultrapassar os limites e ações indesejáveis.

“A partir do momento em que há confiança, e quanto maior for essa confiança, essa palavra vai sendo menos usada. Vai de acordo com a convivência” (Dom. G. V, o dominador).

Segundo Mota (2011), a literatura indica que os limites são quase sempre determinados antes da sessão; porém as limitações não são imutáveis, podendo ser alteradas no tempo.

Dessa maneira, ela acrescenta que,

Em suma, na prática de BDSM a livre determinação das pessoas e o consentimento são pilares basilares, porque são eles que fazem a distinção entre BDSM e violência. Existem “ferramentas” para assegurar que o consentimento e, nesse aspecto, tanto a comunicação como o respeito pelos limites impostos são fundamentais. Determinar onde termina o consensual e onde começa o abuso é uma tarefa delicada que implica experiência de ambas as partes envolvidas no jogo. (Ibid, p. 39).

Na concepção de Zilli (2009), alguns dos fenômenos anteriormente vistos como perversões ou distúrbios do comportamento sexual – ou seja, definidos como de natureza exclusivamente sexual – passam a ser considerados como de natureza também política, isto é, como um estilo de vida, uma “opção sexual”, subcultura ou minoria.

Para o autor,

Permanece subjacente um elemento significativo: não há condenação moral ligada às práticas em si, o imoral é não levar em conta o desejo (ou o prazer), seu e do outro. E em relação ao consentimento, é imoral não respeitar o desejo do outro de não participar. O direito ao prazer é

garantido pela racionalização da atividade sexual através dos ideais de comunicação e expressão da vontade individual. (Ibid, p. 506).

Zilli (2009) ressalta que o consentimento aparece mais uma vez como uma ferramenta indispensável para articular essa moral. Não tanto como um elemento de legitimidade social, mas como um atributo ético individual que precisa ser indispensavelmente exercido para que se pratique o BDSM.

#### • A dor e o prazer

Para os entrevistados, as experiências são sentidas como intensas, positivas e prazerosas, intimamente relacionadas com a exploração erótico-sexual.

Eu acho que tudo o que é pulsão, e que as pessoas conseguem usar essa pulsão, como um caminho e extravasar, vale como prazer. As pessoas costumam dizer que o BDSM tem a porta de entrada, mas não tem a de saída. O prazer nas práticas é muito bom, e muito relativo. Ninguém deixa de ser Bdsmer<sup>16</sup> por não praticar. Pode se passar um tempo sem praticar, mas não se fica em abstinência, é como o alçóolatra. (C., a switcher.)

Sobre a referência à dor, de acordo com Mota (2011), pode-se concluir que ela é altamente erótica em certos contextos, tendo um caráter biopsicossocial. A dor é afetada não apenas pela condição biológica e cognitiva, mas influenciada pelo ambiente social e cultural (ou subcultural). Dor e prazer envolvem reações químicas idênticas com a libertação de endorfinas provocando sensações de energia e bem-estar (AZEVEDO, 1998, apud MOTA, 2011).

Acrescenta ainda que,

Ora, se o papel do cérebro é considerado

16. Bdsmer: Praticantes de sadomasoquismo.

para o nosso comportamento sexual, tal significa que a percepção dos acontecimentos dolorosos pode ser alterada, em determinada situação e, assim, cada pessoa tem desejos, motivações e reações diferentes (Ibid. p. 41).

Neste sentido, um dos entrevistados, quando questionado sobre como se sente em relação a ter prazer com práticas consideradas não convencionais, responde: “Acho que existe uma parte no cérebro que estimula mais esse lado...” (Dom G.V., o dominador.)

Conforme Zilli (2009), se o indivíduo sente-se emocional e fisicamente confortável com o que realiza, então é legítimo. Contudo, diferentemente do consentimento, o bem-estar é um critério de autoavaliação, e sua importância assume um lugar secundário nas discussões sobre o tema e nos argumentos sobre a capacidade de legitimar as atividades.

- **Vida baunilha<sup>17</sup> – a vida fora do meio**

Sobre a forma como os Bdsomers enxergam as pessoas que possuem um relacionamento convencional, C. e Dom. G. V. concordaram com a opinião de que muitos casais realizam práticas de BDSM entre quatro paredes, mas muitas vezes não querem assumir ou não sabem dar o nome a elas. Esse pensamento é recorrente entre os adeptos, como se as pessoas do “mundo baunilha” tivessem receio ou uma preocupação em preservar sua privacidade, restringindo-se ao sexo comum, sendo inconfessável o que “fuja à regra”.

Às vezes, você pergunta pra mulher, assim, se ela gosta de um cara que tem uma pegada carinhosa ou aquele que tem uma pegada forte, e ela te responde que gosta do que tem uma pegada forte, gosta de tomar uns tapas, de ser puxada pelos

cabelos, de sexo selvagem. Então, muitas vezes ela já pratica o BDSM, só não sabe denominar. Quantas meninas adoram um spanking, gostam de ser imobilizadas e não sabem nem nomear isso. Muita coisa acontece no mundo baunilha, mas talvez até por receio da sociedade, as pessoas tenham medo de assumir. (Dom G. V., o Dominador.)

Goffman (1963, apud, MOTA, 2011) aborda o “efeito espelho”, em que os estigmatizados criam mecanismos na ânsia de “discriminar” os que os reprovam. Um exemplo é os praticantes chamarem de “baunilha” as pessoas que não têm este tipo de práticas.

- **Como enxergam a própria sexualidade**

Os entrevistados definiram-se como bissexual (uma mulher) e heterossexuais (mulher e homem).

C. relata ser bissexual e em suas práticas tem preferência por dominar meninas quando está no papel de dominadora; mas, ao mesmo tempo, tem um Dono, com quem realiza práticas sendo submissa. Além disso, também gosta de syssies, apenas para cuidar, sem que haja relação sexual. O importante é o zelo pela feminilidade delas. L. D., por sua vez, se denomina heterossexual, mas em suas práticas também gosta de dominar mulheres.

Dom. G. V. se apresenta como heterossexual, e relata sobre pessoas transexuais que procuram o meio BDSM, porém negando a verdadeira identidade, passando-se por mulheres.

Há também aqueles que são transexuais e chegam ao meio, já teve casos em que eu vi fotos e, quando falei ao telefone com a pessoa, notei pela voz que se tratava de transexual. Não tenho nada contra, mas não se enquadra no meu perfil. Há quem aceite esse tipo de relação, mesmo que

---

17. Baunilha: Como se define o sexo convencional e seus praticantes.

não haja sexo, apenas as práticas. (Dom. G. V., o Dominador.)

Isso parece apontar para o fato de que não existem fronteiras quanto à questão de gênero e as práticas de BDSM.

Assim como ocorre com a orientação sexual, para Zilli (2009), nos argumentos apresentados em textos de redes sociais, a questão sobre a causa/origem do desejo erótico BDSM é abordada no sentido de que não se sabe ou não se pode definir claramente a origem de um determinado tipo de erotização. O desejo BDSM não estaria ligado necessariamente a abusos na infância.

A valorização da subjetividade dos praticantes e a comunicação entre eles são os valores positivos máximos de uma moral centrada justamente na capacidade de expressar a vontade individual, e para a qual o condenável é exatamente o indivíduo não se expressar/comunicar (ZILLI, 2009).

Neste aspecto, também podemos considerar que existe uma diversidade sexual, conforme assinala Parker (1999), ou pluralidade sexual, que implica a aceitação do princípio de que os diferentes tipos de expressão sexual (não apenas heterossexual ou conjugal) sejam não só tolerados, mas também encarados como um aspecto positivo em uma sociedade justa, humana e culturalmente pluralística.

- **A transição de papéis**

O praticante pode transitar entre dois papéis, de dominação e de submissão, embora nem todos façam esse percurso. C. distingue o que cabe dentro da relação de acordo com o tipo de papel que lhe causa prazer. Sua posição é apontada como dinâmica e depende dos contextos e da pessoa com quem está.

L. D. se diz uma experimentadora. Conta que seu início foi como submissa, mas, com o tempo, decidiu procurar por situações diferentes. Hoje em dia, se identifica apenas como Dominadora, e gosta

que o iniciante aprenda a atender suas vontades. Este aspecto está de acordo com a afirmação de que,

É um fato, ao que dizem, que uma mesma pessoa sente prazer nas dores que inflige e naquelas que sofre. Mais ainda: é um fato ao que dizem, que a pessoa que gosta de fazer sofrer sente, no mais profundo de si, a relação do prazer com o seu próprio sofrimento. (DELEUZE, 2009, p. 46.)

Para Freud (1996, p. 151) a particularidade mais notável do SM reside em que suas formas ativa e passiva costumam encontrar-se juntas em uma mesma pessoa. Ou seja, ele aponta que quem sente prazer em provocar dor no outro na relação sexual é também capaz de gozar, como prazer, de qualquer dor que possa extrair das relações sexuais. O sádico é sempre ao mesmo tempo um masoquista, ainda que o aspecto ativo ou passivo da perversão possa ter-se desenvolvido nele com maior intensidade e represente sua atividade sexual predominante.

Percebe-se pelo discurso de praticantes como C., por exemplo, que, de fato, pode haver uma transição nos papéis, uma vez que ela experimenta os dois lados desse universo (a dominação e a submissão). Por sua vez, L. D. iniciou-se no meio como adepta de apenas um lado (submissa) e hoje se dedica apenas às experiências no papel de dominadora).

- **A simbologia**

Para Mota (2011), a coleira é uma das imagens mais associadas ao BDSM, mas o seu significado vai muito além da componente estética que normalmente lhe está associada. Este é talvez um dos mais valorizados símbolos numa relação BDSM, segundo ela, e isso está presente no discurso de uma das entrevistadas. “Ela veio pro Rio e me ajudou muito quando eu perdi a coleira...” (C., a switcher.)

A participante relatou como foi importante receber suporte psicológico de sua experiente

“mentora”, ao lembrar sobre a traição que sofreu de seu ex-Dono, que era casado e não informou isso de início. Ao descobrir a traição, ela rompeu o relacionamento e abriu mão da coleira. Assim, o ato de perder a coleira pode ser traduzido como o rompimento da relação, uma vez que esse símbolo representa a aliança do casamento convencional.

Existe uma busca de símbolos próprios no meio, embora não tão diferente do mundo “baunilha”. No universo BDSM, a coleira possui a representação de um símbolo de união estável. Embora, entre seus adeptos, possa haver a opção em se colocar uma terceira pessoa na relação, como as irmãs de coleira<sup>18</sup>, esta relação pode ser vivenciada aos moldes de um casamento “baunilha”, o que se chama 24 por 7, em referência a união 24 horas por dia e 7 dias por semana.

Dessa maneira, Mota (2011) considera que, ao verem a coleira como uma aliança, o que os praticantes de BDSM pretendem é transpor os símbolos das relações normativas para o seu relacionamento BDSM.

- **O preconceito (dentro e fora) do meio BDSM.**  
**O preconceito no mundo baunilha**

A percepção dos adeptos é de que seus comportamentos e práticas são vistos pelos demais como negativos. Por isso, demonstram um receio de revelar suas atividades porque acham que seriam rotulados e estigmatizados, discriminados.

As pessoas me olham torto, eu já perdi emprego por conta de ser praticante de BDSM. Algumas pessoas acreditam que eu esteja doente. As pessoas acham que é uma patologia incurável, acham que é uma aberração, uma doença. Dizem “aquele povo”, “os libertinos”, nos julgam sem valor, dizem que não deveríamos sequer ter a guarda dos próprios filhos. (C., a switcher.)

O BDSM pode ser entendido como uma

atividade sexual que visa a melhorar o bem-estar individual e aperfeiçoar o prazer. Levando em conta esses contextos, o discurso BDSM pode ser remetido aos padrões mais típicos das concepções sobre a sexualidade, em vez de ser entendido como uma anomalia (ZILLI, 2009)

Percebe-se que há uma busca de explicações pelos próprios praticantes.

As pessoas dizem ‘deve ter sido estuprada, deve ter sido violentada na infância, por isso são assim; deve meter a porrada em casa na mulher, e vão pra esse lugar com a justificativa de bater em todo mundo’. (C. a switcher.)

Ela ressalta que é mãe, profissional, estudante e possui um convívio social “normal”. Também conta que sua mãe aceita sua condição, tendo, inclusive, uma participação ativa nos eventos promovidos pela filha.

Em contrapartida, também percebe que o contato com um público também estigmatizado parece apontar para um sentimento de pertença e maior aceitação, como vemos na resposta de L. D.:

Eu trabalhava com acessórios, confecção e moda feminina, então no trabalho nunca tive problemas, trabalhava com uma bichérrima, dávamos muita risada. Sempre trabalhei com eventos, divulgações, como promotor na night, então acho que a questão foi mais com minha família mesmo. (L. D., a Dominadora.)

C. diz também que mensalmente há encontros num bar famoso da Lapa, onde há um espaço reservado para esse público, para que não sejam incomodados, embora eles ali não tratem exclusivamente de assuntos do meio. Mas, é o momento em que eles escolhem para descontrair e conversar sobre todo e qualquer tipo de assunto e

18. Irmãs de coleira: submissas pertencentes ao mesmo Dono.

desejam privacidade, pelo medo de preconceito.

Para L. D. essa questão está mais relacionada à família, às dificuldades de enfrentamento com a mãe e seu irmão mais velho, que não conhece esse universo. No meio profissional, ela relata não ter esse tipo de problema, por ter sempre trabalhado com pessoas mais abertas a essas práticas.

Para Zilli (2009), a relação com o campo científico não é de inteira cumplicidade. Entende-se que grande parte do preconceito e marginalização contra as práticas associadas ao BDSM tem base em análises tendenciosas ou são provenientes de estudos enviesados, que abordam apenas o lado patológico ou, antes, os indivíduos com patologias ligadas ao BDSM. Esse tradicional estigma da perversão sexual é, no fim das contas, o que o discurso de legitimação do BDSM tenta combater.

- **O estereótipo no próprio meio BDSM**

Já para Dom. G. V., o preconceito também se apresenta no próprio meio. Ele sente certa exclusão, devido ao seu perfil diferenciado.

Diz que normalmente se espera um determinado tipo de comportamento mais austero para um Dominador, e já sofreu discriminação devido a portar-se de maneira cortês e gentil em ambientes frequentados por esse público, vindo a evitá-los atualmente.

No meio, é comum que um “Dom” seja austero na sua abordagem, postura e maneira de conduzir sua submissa, e os que apresentam uma forma “romantizada” não são vistos de maneira favorável entre os adeptos.

Sob esse ponto de vista, o discurso do entrevistado permitiu perceber que significado atribui às relações dentro do meio BDSM, que podem ser romantizadas, sendo as características enunciadas, transversais a qualquer relacionamento saudável.

Assim, como assinala Mota (2011), percebe-se que existe um continuum entre uma relação dita “normal”, que aclama os sentimentos afetivos

como fatores indispensáveis, e uma relação que se caracteriza por este tipo de práticas de sadismo/masochismo ou de dominação/submissão, onde os requisitos de comunicação, honestidade, empatia e respeito, criam as bases para a confiança e para a profundidade da entrega (p. 44).

- **O lado negativo do BDSM**

Nem tudo é busca de prazer nesse meio. Há indivíduos que se aproveitam dessa busca desesperada de prazer, muitas vezes, impulsiva, seja por carência, fragilidade, como relata um dos entrevistados, e se utilizam disso a fim de obter vantagens.

Há muita distorção de valores no meio. Pessoas que se infiltram aqui para depois chantagear. Há Dominadores que trabalham como detetives, policiais, técnicos de informática, que fazem uso de suas profissões para ter acesso fácil à vida da menina, usam fotos de sessões para chantagear as submissas, e optam por abordar preferencialmente as casadas, isso é extorsão. Há grupos de Dominadores que usam sua profissão para entender isso e promover isso. É uma máfia infiltrada dentro do meio. Aqui como no baunilha, tem todo o tipo de gente. (Dom G. V., o dominador.)

Essa afirmação está em desacordo com o que aponta Rodrigues Jr. (2007), para quem o comportamento sexual responsável se expressa nos planos pessoal, interpessoal e comunitário. Caracteriza-se por autonomia, maturidade, honestidade, respeito, consentimento, proteção, busca de prazer e bem-estar.

O autor também ressalta que a pessoa que pratica um comportamento sexual responsável não pretende causar dano e se abstém da exploração, abuso, manipulação e discriminação.

## **Conclusão**

Nas falas dos entrevistados, em seu encantamento pelo dolorido, observa-se que os

adeptos consideram o meio BDSM como uma subcultura que ainda necessita ser legitimada, desmistificada, como uma maneira de afirmação de uma identidade.

Como subcultura, esses grupos se organizam, constroem sua autonomia, possuem veículos próprios de comunicação e, aos poucos, tentam alcançar o público externo, leigo, tentando fazer valer sua voz.

Ao longo do tempo, mudanças vêm transformando a visão da sociedade externa ao meio sobre essas pessoas, antes vistas exclusivamente como bizarras, desviantes, doentes. Mas ainda parece predominar uma visão preconceituosa, um olhar “de cima”, que desconsidera as diferenças. Diferentemente do que fazem pensar as teorias psiquiátricas e psicológicas, não existe uma forma única de se vivenciar o SM. As vivências sadomasoquistas são muito abrangentes e se estendem além da dor e prazer. Envolvem dominação psicológica, a mais relevante na opinião dos participantes da pesquisa, e práticas de amarração (bondage) e submissão, todas elas envoltas em cenários nos quais os “personagens” negociam criteriosamente todos os cuidados, os limites, de maneira que também possa haver um aprendizado e desenvolvimento de técnicas.

Nesse universo BDSM vivem pessoas concretas, com identidades e uma vida. Não são personagens definidos apenas por uma prática socialmente ainda estigmatizada. São homens e mulheres, cidadãos, profissionais, pais/mães, detentores de “normalidade” em seu convívio social.

A comunidade BDSM busca seus próprios significados e sentidos, suas simbologias, como o é o caso do uso de coleira, que se assemelha ao uso de aliança nas relações estáveis normativas.

Os praticantes de sadomasoquismo entrevistados enfrentam em seu cotidiano não apenas os preconceitos da sociedade mais ampla, que ainda não entende essas formas de expressão da sexualidade e suas variações, mas também aqueles advindos do próprio meio. Os estereótipos

também se fazem presentes e causam uma espécie de exclusão (do meio) do excluído (adepto de práticas socialmente desvalorizadas).

Dois temas levantados pelos participantes fogem ao escopo da pesquisa e requerem estudos. Um deles refere-se a riscos sofridos pelos praticantes quando chantageados de alguma forma por pessoas que se infiltram no meio para obter vantagens. Outro, a fetiches obscuros. São temas de difícil acesso, pois se referem a práticas consideradas criminosas.

A psicologia, ao atuar com as diversidades, tem o papel de escutar o sujeito, para compreender o significado de seu comportamento em toda sua singularidade, com base no argumento de que há relação saudável dos praticantes com seus desejos com ênfase na exploração dos diversos modos de expressão sexual, descobrindo formas de sexualidade saudável e todo o potencial erótico humano.

Também cabe o livre exercício de quem pratica o sexo incomum, dentro dos preceitos da consensualidade, do respeito, da tríade “SSC” colocada por Bdsmsers quando se referem ao São, Seguro e Consensual. E, sobretudo, cabe a responsabilidade pelo desejo. O que não cabe? A intolerância e a patologização da existência.

Pesquisas que tragam à tona essa subcultura precisam ser realizadas cada vez mais, com o intuito de a sociedade enxergar esse fenômeno e gradativamente possa haver menos marginalização de seus praticantes.

Por fim, observa-se que as práticas eróticas avançam, se multiplicam, as escolhas amorosas fazem parte dos direitos humanos e o que está em jogo, ou deveria estar, é o desejo humano.

Atualizar as teorias é necessário, tanto quanto ajustá-las e reordená-las às mutações da contemporaneidade.

## Referências

- ACKERMANN, L. Seis tons de outra coisa. *Revista Veja*, 05 mai. 2013. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/tag/cinquenta-tons-de-cinza/>>. Acesso em: 30 jun. 2013.
- ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA. *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-IV-TR*. 4. ed. São Paulo: Artmed, 2003. 880 p
- CECCARELLI, P. R. Sexualidade e preconceito. *Revista Latino americana de Psicopatologia Fundamental*, v. III, n. 3, p. 18-37, out. 1999. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/2330/233018184003.pdf>>. Acesso em: 02 ago. 2013.
- DELEUZE, G. *Sacher-Masoch: O frio e o cruel*. Tradução de Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009. 133 p.
- FREITAS, F. R. A. de. *Sexualidades: prazeres, poderes e redes sociais*. II Seminário de Pesquisa da Faculdade de Ciências Sociais, UFG, Goiás, 2011. Disponível em: <[http://anais.cienciassociais.ufg.br/uploads/253/original\\_Fatima\\_Regina\\_Almeida\\_Freitas.pdf](http://anais.cienciassociais.ufg.br/uploads/253/original_Fatima_Regina_Almeida_Freitas.pdf)> Acesso em: 05 maio 2012.
- FREUD, S. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. VII (1901-1905): Um caso de histeria, três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996. 329 p.
- GIL, A. C. *Como elaborar projeto de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 184 p.
- GOFFMAN, E. *Stigma. Notes on the management of spoiled identity*. Prentice Hall, 1963. Apud MOTA, Ana Mafalda Ventura. *Para além da dor: fantasias de prazer, poder e entrega*. Um estudo sobre *bondage* e disciplina, dominação e submissão e sadomasoquismo. Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia na Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Junho, 2011. Disponível em: <[sigarra.up.pt/fpceup/pt/publs\\_pesquisa.show\\_public\\_file?pct\\_gdoc\\_id](http://sigarra.up.pt/fpceup/pt/publs_pesquisa.show_public_file?pct_gdoc_id)> Acesso em: 11 out. 2012. 64 p.
- MARTINS; M. C. CECCARELLI, P. R. Práticas sexuais ditas “desviantes”: perversão ou direito à diferença? *Revista Terapia Sexual – Clínica, Pesquisa e Aspectos Psicossociais*, v. VI, n. 1, p. 34-52, mar. 2003, São Paulo. Disponível em: <[http://ceccarelli.psc.br/pt/?page\\_id=203](http://ceccarelli.psc.br/pt/?page_id=203)>. Acesso em: 05 jan. 2012.
- MOTA, A. M. V. *Para além da dor: fantasias de prazer, poder e entrega*. Um estudo sobre *bondage* e disciplina, dominação e submissão e sadomasoquismo. Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia na Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Junho, 2011. Disponível em: <[sigarra.up.pt/fpceup/pt/publs\\_pesquisa.show\\_public\\_file?pct\\_gdoc\\_id](http://sigarra.up.pt/fpceup/pt/publs_pesquisa.show_public_file?pct_gdoc_id)>. Acesso em: 11 out. 2012. 64 p.
- MURIBECA, M. As diferenças que nos constituem e as perversões que nos diferenciam. *Revista PePsic: Periódicos Eletrônicos em Psicologia*, Belo Horizonte, n. 32. nov., 2009. Disponível em: <<http://www.cbp.org.br/perversoesdiferenciam.pdf>>. Acesso em: 08 ago. 2011.
- PARKER, R; BARBOSA, R. M. *Sexualidades pelo avesso: direitos, identidades e poder*. Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999. 271 p.
- PINTO, G. C. *Sexos a trama da vida: fronteiras da transgressão*. São Paulo: Duetto Editorial, v. 4,

2008. 82 p.

RODRIGUES JÚNIOR, O. M. Direitos Sexuais – *Revista Terapia Sexual*. Instituto Paulista de Sexualidade, São Paulo, v. X, n.1, 2007. 128 p.

RODRIGUES JÚNIOR, O. M. *Parafilias: das perversões às variações sexuais*. São Paulo: Zagodoni, 2012. 160 p.

VIEIRA, S. *Como elaborar questionários*. São Paulo: Atlas, 2009. 159 p.

ZILBERKAN, M. Lançamento de “50 tons de cinza” aquece mercado erótico. *Revista Veja*. 06 ago. 2012. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/celebridade/lancamento>>. Acesso em: 30 ago. 2013.

ZILLI, B. D.C. BDSM de A a Z: A despatologização através do consentimento nos “manuais” da internet. In: DIAZ-BENITEZ, M. E.; FIGARI, C. E. *Prazeres dissidentes*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. 600 p. 26.